

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS:
UM ESTUDO SOBRE O KAINGANG DO OESTE DE SANTA CATARINA**

Antonio Luiz Gubert¹

RESUMO

Este estudo tem por objetivo identificar crenças e atitudes linguísticas frente ao Kaingang. Foram usados como base teórica López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) e Labov (2008). A metodologia foi baseada em Aguilera e Silva (2014), com dados coletados via formulário eletrônico. 28 informantes, de ambos os sexos e que estavam em curso do Ensino Médio, responderam ao questionário. Como resultados, os informantes julgaram o locutor como *alguém que fala incorretamente, não estudado, que sofre preconceito social, atrasado e com uma profissão pouco valorizada*, o que mostrou que os grupos de maior prestígio social ditam o que é *prestígio e status*.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Kaingang. Oeste de Santa Catarina.

**LANGUAGE BELIEFS AND ATTITUDES:
A STUDY ON THE KAINGANG OF WEST SANTA CATARINA**

ABSTRACT

This study aims to identify linguistic beliefs and attitudes towards Kaingang. López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) and Labov (2008) were used as theoretical basis. The methodology was based on Aguilera and Silva (2014), with data collected via electronic form. 28 informants, of both sexes and who were in high school, answered the questionnaire. As a result, the informants judged the speaker as *someone who speaks incorrectly, not studied, who suffers from social prejudice, backwards and with a poorly valued profession*, which showed that groups with greater social prestige dictate what *prestige and status* are.

Keywords: Linguistic beliefs and attitudes. Kaingang. West of Santa Catarina.

**CREENCIAS Y ACTITUDES DEL LENGUAJE:
UN ESTUDIO SOBRE EL KAINGANG DEL OESTE DE SANTA CATARINA**

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo identificar creencias y actitudes lingüísticas hacia el Kaingang. Se utilizaron como base teórica López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) y Labov (2008). La metodología se basó en Aguilera y Silva (2014), con datos recolectados vía formulario electrónico. Respondieron al cuestionario 28 informantes, de ambos sexos y que cursaban estudios secundarios. Como resultado, los informantes juzgaron al hablante como *alguien que habla incorrectamente, no estudiado, que sufre de prejuicios sociales, con retrasos y con una profesión poco valorada*, lo que mostró que grupos con mayor prestígio social dictan lo que son el *prestígio y el estatus*.

Palabras-clave: Creencias y actitudes lingüísticas. Kaingang. Al oeste de Santa Catarina.

¹ Professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC Câmpus Xanxerê. Doutor em Letras. E-mail: antoniogubert@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Pesquisadores do campo das *Atitudes e crenças linguísticas*, como López Morales (1993), Moreno Fernández (1998) e Labov (2008) começaram a ganhar evidência no mundo a partir da década de 70.

No Brasil, segundo Aguilera e Silva (2014), existem dois trabalhos pioneiros na área. Um deles é de autoria de Andrietta Lenard (1976), intitulado “Lealdade linguística em Rodeio (SC)”. O estudo busca analisar a fidelidade linguística dos falantes do município de Rodeio, local povoado por imigrantes italianos – com práticas de resistência e integração linguística, já que esses habitantes procuravam falar somente a língua italiana em detrimento do português brasileiro.

O outro trabalho é intitulado “Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo”, de autoria de Maria Isolete Pacheco Menezes Alves (1979) e trata sobre as atitudes linguísticas dos nordestinos frente à variedade linguística dos cidadãos paulistanos.

Ambos os trabalhos emergem do entendimento que o *preconceito linguístico* pode ser objeto de estudo – já que é algo inerente às práticas linguísticas. Inclusive, para Bortoni-Ricardo (2005), o preconceito linguístico é o maior dos preconceitos, pois ele está fortemente consolidado na cultura social, de modo que a sociedade está mais apta a aceitar diferentes padrões de valores estéticos e morais do que legitimar as variedades linguísticas, justamente porque essas estão associadas às classes desprestigiadas.

É na mesma direção dos trabalhos citados anteriormente que esta pesquisa surge, buscando conhecer e verificar como estudantes residentes na cidade de Xanxerê (SC) e entornos avaliam características de um falar indígena Kaingang. Parte-se da hipótese que as atitudes e crenças sobre as línguas indígenas são *negativas* por conta de fatores relacionados a uma cultura etnocêntrica local, a qual põe em evidência o branco e seus idiomas.

Os resultados desta pesquisa podem contribuir significativamente para a Linguística como um todo, especialmente para a área das crenças e atitudes linguísticas, fornecendo dados sobre a(s) língua(s) indígenas do espaço catarinense e promovendo ações de combate ao preconceito linguístico a partir da identificação dos fatores condicionantes dos comportamentos.

2 UM POUCO SOBRE AS CRENÇAS E AS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Diversas áreas de conhecimento abordam a *crença* em seus estudos, como a Filosofia, Teologia, Psicologia, Sociologia, Sociolinguística, Linguística, dentre outras. Assim, são muitos os conceitos e definições destinados para referenciá-la.

De acordo com o Dicionário Michaelis, as crenças são definidas como: ato ou efeito de crer; conjunto de ideias religiosas compartilhadas por muitas pessoas; pensamento que se acredita ser verdadeiro ou seguro; certeza, confiança, segurança; conjunto de princípios ou doutrinas religiosas ou místicas que têm valor de verdade para seus seguidores; objeto de uma crença (MICHAELIS, 2019).

Para Barcelos (2007), a crença é algo ancestral, pois desde que o ser humano existiu, começou a pensar e acreditar em algo:

[...] uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2007, p. 113).

As crenças são socialmente construídas e situadas contextualmente. Conforme as pessoas interagem e modificam suas experiências, são também modificadas por elas. As crenças, então, “incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais” (BARCELOS, 2007, p. 114). Barcelos (2007) ainda traz que as crenças são paradoxais e contraditórias, já que são ao mesmo tempo sociais e individuais, tendo em vista que cada indivíduo incorpora uma experiência a seu próprio modo.

Yero (2010, apud BOTASSINI, 2015) sugere que uma forma possível de distinguir entre o conhecimento factual e a crença é observar como uma pessoa responde a um desafio. Autora traz o exemplo de alguém que digitou uma palavra incorretamente e que não sente a necessidade de defender o erro de digitação: ela simplesmente muda um pouco a sua atenção e resolve o problema. Em contrapartida, quando as crenças de uma pessoa são questionadas, essa geralmente responde como se isso fosse uma ameaça pessoal, defendendo emocionalmente sua posição. “Isso porque as crenças são pessoais... elas são tão parte de nós como nosso nome ou nossa perna” (YERO, 2010, p. 28, apud BOTASSINI, 2015, p. 108).

Definir “atitude”, assim como “crença”, não é uma das tarefas mais fáceis, já que o termo também está associado a diversos campos. É possível encontrar associações com expressões relacionadas à “atitude cristã”, “atitude preconceituosa”, “atitude sustentável”, “atitude linguística”, dentre outras.

De acordo com Lambert & Lambert (1972, p. 78):

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir.

Aguilera e Silva (2014, p.705), tratando da relação do preconceito com as atitudes e crenças, posicionam-se da seguinte maneira com relação ao assunto:

Os indivíduos desencadeiam atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras.

Giles, Ryan e Sebastian (1982, p. 7) citam que as atitudes linguísticas são “qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas, em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes”.

Moreno Fernández (1998, p. 179), define atitude linguística como “uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade [...]”. Ainda, o autor destaca que as atitudes linguísticas refletem atitudes psicossociais, sendo difícil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou ao usuário dessa variedade.

A atitude linguística implica, também, a noção de *identidade*, que pode ser definida como “a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro.” (AGUILERA, 2008, p. 106). A identidade, então, pode ser definida sob duas formas:

(i) objetiva, ou seja, caracterizando-a pelas instituições (educacionais, artísticas, políticas, culturais, sociais, religiosas) que a compõem e pelas pautas culturais (usos, costumes, tradições) que lhe dão personalidade; ou (ii) subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a ideia de

diferenciação com respeito aos demais (Moreno Fernández: 1998, p. 180). Na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente. (AGUILERA, 2008, p. 106).

Um dos elementos que definem a identidade de um povo é a variedade linguística assumida por ele como “ideal”. As atitudes relacionadas ao grupo com a determinada identidade podem ser consideradas como sendo uma reação às características da variedade linguística, “uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo” (AGUILERA, 2008, p. 106)

As atitudes de valorização ou de rejeição à identidade linguística de um povo são reguladas por grupos sociais que gozam de maior prestígio. Nesse sentido, os moradores do campo, os indígenas, os menos estudados, os mais pobres, são julgados como menos competentes linguisticamente diante dos que moram nas cidades, dos mais estudados, com maior poder aquisitivo e com mais alta posição social.

2.1 Os componentes da atitude linguística

Para autores como Segundo Lambert e Lambert (1972), Rodrigues (1972), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993), as atitudes linguísticas são compostas por três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental. Lambert e Lambert (1972) explicam que é necessário, para que se forme uma atitude, que os componentes estejam ligados de tal forma que aquilo que se sente e a maneira como se reage diante de um objeto social estejam coerentemente associados ao modo como se pensa a respeito dele.

O componente cognitivo faz referência às crenças, aos pensamentos, aos conhecimentos que se tem sobre um objeto social. A atitude, portanto, faz relação a um objeto e uma representação cognitiva a seu respeito. Não se pode manifestar uma reação favorável ou desfavorável àquilo que não se conhece. Rodrigues (1972, p. 398) cita que as atitudes preconceituosas são fruto de cognições negativas em relação ao grupo que é objeto de discriminação: “Pessoas que não gostam de índios consideram-nos selvagens, ameaçadores, ignorantes, hostis, infradotados intelectualmente, bestiais, etc.”.

O componente afetivo diz respeito às emoções e aos sentimentos favoráveis ou contrárias a um objeto social. Rodrigues (1972) exemplifica, apresentando o exemplo de

alguém que pode crer na existência de vida fora da Terra, porém mantém essa crença em um nível cognitivo, sem unir a isso qualquer traço afetivo, ou seja, ela pode manter-se neutra quanto a esse assunto. Não se poderia dizer, então, que tal pessoa tem uma atitude em relação à existência de vida em outros planetas; diferentemente de ufologistas que, certamente, acrescentariam uma conotação afetiva às suas cognições a respeito desse tema e demonstrariam isso se engajando em discussões acaloradas.

O componente comportamental ou conativo pode ser entendido como conduta, reação ou tendência à reação diante de um objeto social. Rodrigues (1972, p. 400), cita que há uma posição geralmente aceita pelos psicólogos sociais de que “as atitudes possuem um componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais”. López Morales (1993) traz que a atitude está dominada somente pelo traço comportamental, por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de rejeição; e que uma atitude nunca pode ser neutra. Nos elementos cognitivos, estão incluídas as percepções, os saberes, os estereótipos presentes no indivíduo; já nos afetivos, estão presentes as emoções e os sentimentos.

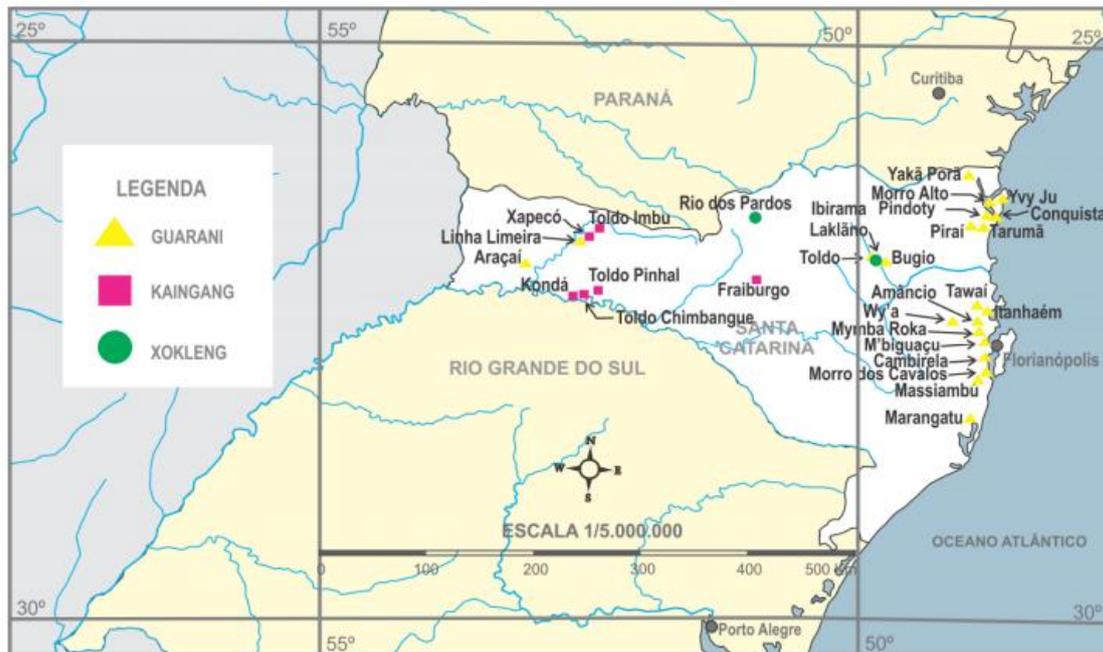
3 A COMUNIDADE LINGUÍSTICA EM PESQUISA

Os Kaingang compõem a maior população indígena no sul do Brasil, com mais de 60 mil pessoas. Segundo Brighenti (2012), os Kaingang em Santa Catarina somam 6.543 pessoas, distribuídas em cinco Terras Indígenas e uma Reserva². Apenas a Terra Indígena Toldo Chimbangue está regularizada; as demais apresentam alguma pendência, desde demarcação, homologação ou desintrusão.

A Terra Indígena Xapecó, comunidade linguística do locutor desta pesquisa, está localizada entre os municípios de Ipuacu e Marema, no Oeste do estado de Santa Catarina. Conta com área atual de 15.623 hectares e com população de 4.450 habitantes, de acordo com os dados do último Censo de 2010 (IBGE, 2010). No mapa 1, a localização da área, bem como das demais Terras Indígenas de Santa Catarina:

² A Reserva Kondá, em Chapecó, criada para abrigar os indígenas que habitavam o centro da cidade.

Mapa 1. Localização aproximada das Terras Indígenas em Santa Catarina.



Fonte: Clovis Antonio Brighenti, 2010.

No mapa, é possível perceber a proximidade da Terra Indígena Xaçecó com outras Terras Kaingang, como Toldo Imbu, Toldo Pinhal e Kondá. Interessante observar também a proximidade com Terras Guarani, como Linha Limeira e Araçaí, o que pode proporcionar contato linguístico entre os povos de línguas indígenas.

De acordo com Rodrigues (1986), a língua Kaingang pertence à família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê. Wiesemann (1978) divide a língua em cinco dialetos, tendo como marco divisório os grandes rios da região: (1) Tietê–Paranapanema, no estado de São Paulo; (2) Paranapanema-Iguaçu, no estado do Paraná; (3) Iguaçu-Uruguai, nos estados do Paraná e Santa Catarina; (4) Rio Uruguai–Passo Fundo (margem esquerda do rio Passo Fundo), no Rio Grande do Sul; (5) Rio Uruguai–Passo Fundo (margem direita do rio Passo Fundo), também no Rio Grande do Sul. Nessa proposta, a TI Xaçecó estaria localizada na divisão número três e seria uma espécie de isoglossa de idioma autóctone.

A presença da língua é mais evidente na aldeia Kondá, sendo falada pela maioria da população. Já em terras como Toldo Chimbangue e Toldo Pinhal, o emprego é reduzido. Nas TI Xaçecó e Toldo Imbu, o número de falantes gira em torno de 40% da população total, sendo o português brasileiro a língua mais falada. A situação do Kaingang em outros estados não se diferencia significativamente da de Santa Catarina em termos de percentual de falantes.

Segundo Brighenti (2010), a língua Kaingang tem uso e função particulares nas diversas comunidades linguísticas em que está presente, refletindo processos históricos vivenciados por cada comunidade. A língua, regionalizada em dialetos, acompanha a organização social dos povos. Segundo o autor (2010),

Associadas à independência política de cada unidade, ocorreram durante a primeira metade do século XIX aproximações e distanciamentos do mundo não-indígena. Os caciques das unidades político-territoriais, que por circunstâncias diversas aproximaram-se dos colonizadores, foram contratados pelo governo para auxiliar na defesa das fazendas e vilas que iam sendo criadas no interior do território (2010, p. 15)

A relação com os não-índios, então, foi determinante para a constituição da identidade linguística dos povos Kaingang, influenciados em maior ou menor grau pelas propriedades do português brasileiro.

4 METODOLOGIA

Para a composição do *cópus* desta pesquisa, foram entrevistados 28 estudantes do Ensino Médio, de idade entre 15 e 18 anos. Não foram controladas outras variáveis, como sexo e classe social.

Com relação ao método de coleta de dados, partiu-se das considerações de Blanco-Canales (2004), que afirma que um dos problemas da investigação sobre atitudes linguísticas é a impossibilidade de observá-las diretamente. Ainda segundo a autora, duas técnicas podem ser utilizadas: medidas diretas e medidas indiretas. Nas medidas diretas, o informante não sabe a finalidade dos testes a que está sendo submetido (não é dito que é uma avaliação para uma pesquisa sobre língua, por exemplo). O procedimento mais usual de medida direta é solicitar que o informante ouça gravações e depois avalie o que ouviu, emitindo julgamentos sobre o locutor. É um procedimento muito adotado nos trabalhos de crenças e atitudes linguísticas. Na segunda técnica, a de medidas indiretas, o pesquisador utiliza entrevistas ou aplica questionários com intuito de coletar opiniões sobre os aspectos que julga relevantes para a pesquisa.

Nesse sentido, elaborou-se um questionário com 16 questões baseado em Aguilera e Silva (2014) (ver apêndice), na ferramenta Google Forms. Em seguida, o *link* com o formulário e o áudio foram enviados pelo aplicativo WhatsApp aos alunos selecionados. Essas

ferramentas eletrônicas gratuitas permitem agilidade na coleta de dados, além de deixar o entrevistado mais à vontade para responder as perguntas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionado, foram coletados 28 dados a partir do questionário aplicado. Os informantes residiam em oito diferentes cidades do estado de Santa Catarina, todas pertencentes à microrregião da Amai (Bom Jesus, Faxinal, Ipuacu, São Domingos, Vargeão, Xanxerê, Xaxim e Xavantina). A média de idades dos informantes foi de aproximadamente 16 anos.

Na pergunta 1: “Esta pessoa que você ouviu é inteligente”, das 28 respostas, 17 (67,9%) foram “inteligente”, 9 (32,1%) “pouco inteligente”, o que mostra um posicionamento positivo em relação ao falar indígena.

Na sequência, na pergunta 1, os informantes foram questionados se “Esta pessoa que você ouviu é feia”. Obteve-se como resultado 20 respostas (71,4%) “não é feio”, 8 (28,6%) para “feio”, novamente um indicador positivo.

Questionados, na pergunta 3, se “Esta pessoa que você ouviu sente vergonha de falar assim”, nenhum informante respondeu “sente vergonha de falar assim”; mas sim os 28 informantes (100%) responderam “não sente vergonha de falar assim”. Estas respostas são bastante importantes, já que podem indicar que os informantes acreditam que o locutor se reconhece como indígena e, portanto, aceita sua língua como identidade. Para Bagno (2003), [...] a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano – em boa medida, nós somos a língua que falamos.

As respostas para a pergunta 4, “Esta pessoa que você ouviu fala corretamente a língua Portuguesa”, foram: 9 (32,1%) informantes para “se fala corretamente” e 19 (67,9%) para “não fala corretamente”. Apesar de os informantes reconhecerem a identidade linguística do locutor, acreditam ainda que a língua falada por ele é “errada”, atribuindo um valor negativo ao idioma. Esse fato remete ao que Calvet (2004) chama de *bon usage*. “Por trás desses estereótipos se perfila a noção de *bon usage* (“uso certo”), a ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis.” (CALVET, 2004, p. 68).

Questionados na pergunta 5 se “Esta pessoa que você ouviu é estudada”, 9 informantes (32,1%) disseram que “é estudada”; em contrapartida, 19 (67,9%) falaram que “não é estudada”, mostrando novamente um julgamento negativo à fala – e ao locutor.

É possível considerar por esse julgamento que há um “estigma” sobre as realizações fonéticas do falante indígena, que ocorre quando um indivíduo tem um traço que o torna diferente dos outros, talvez menos desejável, e o deixamos de considerá-lo comum e passamos a ignorar seus outros atributos. (FROSI, FAGGION & DAL CORNO, 2010). Nesse sentido, as mesmas marcas que servem para incluir os indivíduos em determinados grupos podem impor-se como marcas ou rótulos, ou seja,

como estigmas, os quais são atribuídos mediante aspectos como gênero, etnia, fala e posição social. Nesse sentido, o índio foi considerado como “não estudado”, mesmo sem qualquer evidência sobre o fato.

Na pergunta 6, “Esta pessoa que você ouviu sofre preconceito social” do total, 19 (67,9%) responderam que “sofre preconceito social” e 9 (32,1%) afirmaram que “não sofre preconceito social”. É mais um dado negativo.

Questionados se “Esta pessoa que você ouviu é atrasada”, obteve-se resultados que 19 (67,9%) disseram que “ela é atrasada” e apenas 9 (32,1%) falaram que “não é atrasada”, seguindo com os julgamentos negativos e estigmatizadores.

Perguntados se “Esta pessoa que você ouviu é grossa”, na questão 8, 26 informantes (92,9%) revelaram que a pessoa do locutor “não é grossa” e apenas 2 afirmaram que (7,1%) “é grossa”, uma resposta positiva.

Nas perguntas 9, “Esta pessoa que você ouviu é trabalhadora”, pergunta 10, “Esta pessoa que você ouviu respeita seus familiares”, pergunta 11: “Esta pessoa que você ouviu dá importância ao trabalho como forma de vencer na vida” e pergunta 12: “Esta pessoa que você ouviu ajuda os outros quando precisam”, 100% dos dados obtidos em cada uma delas foram positivos.

Na pergunta 13, “Esta pessoa que você ouviu engana os outros”, os resultados obtidos mostraram que 27 (96,4%) consideram que “ela não engana os outros” e 1 (3,6%) comentou que “ela enganar os outros”, respostas consideradas como positivas.

Questionados se “Esta pessoa que você ouviu dá valor ao ensinamento dos pais”, na pergunta 14, 25 (89,3%) afirmaram que “ela dá valor ao ensinamento dos pais” e 3 (10,7%) disseram que “não dá valor ao ensinamento dos pais”. A maioria, então, atribuiu valor positivo.

Na questão 15, “Esta pessoa que você ouviu é de confiança”, última do tipo múltipla escolha, obteve-se como resultado 25 informantes (89,3%) com “é de confiança” e 3 informantes (10,7%) para “não é de confiança”, o que revela julgamento positivo.

A seguir, o quadro 01, síntese das respostas 1-15:

Quadro 01 - síntese das respostas 1-15

Pergunta	Áudio – Indígena
1	Das 28 respostas, 17 (67,9%) foram “inteligente” e 9 (32,1%) “pouco inteligente”.
2	Obteve-se como resultado 20 (71,4%) “não é feio” e 8 (28,6%) para “feio”
3	Do total, 0% informante responderam como “se sente vergonha de falar assim” e 28 (100%) como “não sente vergonha de falar assim”.
4	9 (32,1%) informantes responderam como “se fala corretamente” e 19 (67,9%) como “não fala corretamente”.
5	9 (32,1%) afirmaram que “é estudada”, em contrapartida 19 (67,9%) falaram que “não é estudada”.
6	Do total, 19 (67,9%) responderam que “sofre preconceito social” e 9 (32,1%) que “não sofre preconceito social”.

7	Obteve-se resultados dos dados que 19 (67,9%) “ela é atrasada” e apenas 9 (32,1%) que “não é atrasada”.
8	Das 28 respostas, 26 (92,9%) revelaram que “não é grossa” e apenas 2 (7,1%) “é grossa”.
9	100% dos dados obtidos falaram que essa pessoa é trabalhadora.
10	Dos dados obtidos, 28 (100%) votaram em que “a pessoa respeita seus familiares”.
11	28 (100%) afirmaram que “ela dá importância ao trabalho como forma de vencer na vida”.
12	Para esta resposta, teve-se 28 (100%) que “se ela ajuda os outros quando precisa”.
13	Os resultados que foram obtidos mostraram que 27 (96,4%) “ela não engana os outros” e apenas 1 (3,6%) comentaram que “ela engana os outros”.
14	25 (89,3%) afirmaram que “ela dá valor ao ensinamento dos pais” e 3 (10,7%) que “não dá valor ao ensinamento dos pais”.
15	Obteve-se como resultado 25 (89,3%) “é de confiança” e 3 (10,7%) para “não é de confiança”.

Fonte: dados de pesquisa

Na última pergunta, do tipo “aberta”, os informantes foram interrogados sobre “qual a profissão do locutor”. As respostas obtidas foram as seguintes (Tabela 01):

Tabela 01: Respostas da questão 16

Resposta	Quantidade de respostas
Agricultor	12
Pedreiro	5
Peão	5
Fazendeiro	2
Não sei/Não responderam	4
Total	28

Fonte: dados de pesquisa

É possível perceber, pelos dados, que foram atribuídas profissões de menor prestígio social ao locutor, o que mostra crenças e atitudes linguísticas desfavoráveis ao falante e ao seu idioma.

6 ALGUMAS CONCLUSÕES

O resultado do estudo mostrou que houve tanto respostas que indicaram crenças e atitudes linguísticas favoráveis à língua do locutor indígena, como também houve o contrário. As respostas positivas, no entanto, foram dadas na maioria das perguntas, tendo como as negativas as respostas das perguntas 4, 5, 6 e 16.

Aguilera (2008) afirma que as atitudes de valorização ou de rejeição às variedades de língua em uso são reguladas pelos grupos de maior prestígio social, ou os mais altos na escala socioeconômica, os quais ditam o que tem prestígio e *status*. No caso dos informantes deste estudo, alunos não-indígenas, pertencem às classes de maior prestígio social e acabaram

julgando o locutor Kaingang à luz das suas vivências: consideraram-no como *alguém que fala incorretamente, não estudado, que sofre preconceito social, atrasado e com uma profissão pouco valorizada*.

Para finalizar, de acordo com Cardoso (2015, p. 119), “linguisticamente falando, nenhum dialeto pode ser legitimamente considerado melhor que as outras variedades da língua”, uma vez que as reações de informantes partem de avaliações subjetivas ligadas a fatores linguísticos e extralinguísticos.

7 REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio-ago. 2008.
- AGUILERA, V. de A.; SILVA, H. C. da. **O poder de uma diferença**: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n3/1981-5794-alfa-58-03-00703.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.
- ALVES, M. I. P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**: uma abordagem previa. 1979. 220 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271049>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, 2007.
- BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004
- BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolingüística. **Signum: Estudos da Linguagem**, n. 18/1, p. 102-131, p. 102-131, jun. 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegemos na escola, e agora? **Sociolingüística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRIGHENTI, C. A. **Estrangeiros na própria terra**: presença Guarani e Estados Nacionais. Florianópolis: EdUFSC; Chapecó: Argos, 2010. 282 p.
- BRIGHENTI, C. A. Povos Indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, A. L. V.; ROSA, H. A.; BRINGMANN, S. F. (orgs.). **Etnohistória, História Indígena e Educação**: contribuições ao debate. Porto Alegre: Pallotti, 2012.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. 2ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma**: Cultura e Atitudes linguísticas. Caxias do Sul: Educs, 2010. p. 15-42

GILES, H.; RYAN, E, B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In.: GILES, H.; RYAN, E, B.; SEBASTIAN, R. J. **Attitudes towards language variation**: social and applied contexts. London: Edward Arnold, 1982. p. 1-19.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. W; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972

LENARD, A. **Lealdade linguística em Rodeio (SC)**. Blumenau: FURB, 1976.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolinguística**. Madrid: Gredos, 1993.

MICHAELIS - moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 22 abr. 2021.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Princípios de Sociolinguística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1972.

RODRIGUES, A. **Línguas brasileiras**. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

WIESEMANN, U. **Os dialetos da língua Kaingáng e Xoklém**. Arquivos de Anatomia e Antropologia, Rio de Janeiro, v.3, p.197-217. 1978